

Política em marcha lenta

Na parte de Brasília que respira poder, o vazio também é grande. O presidente Fernando Henrique Cardoso está na cidade, em plena atividade política, assim como grande parte dos ministros. Mas o Congresso, que este ano não teve convocação extraordinária, é uma verdadeira cidade fantasma. Grande parte dos gabinetes parlamentares está com as luzes apagadas. Ninguém trabalhando.

Entre os servidores, quem não tem recesso tira férias. De acordo com os sindicatos de servidores públicos federais, cerca de 70% dos funcionários do Legislativo, 50% do Judiciário e 60% dos servidores do Executivo federal aproveitam as férias escolares de janeiro para viajar. Juntos, os servidores dos três poderes da União somam cem mil moradores de Brasília. O recesso do Judiciário também afasta da cidade todos os ministros de tribunais superiores e um grande número de advogados.

MOVIMENTO MENOR

OPiantella, mais tradicional restaurante dos políticos de Brasília, dá o sintoma da ausência dos poderosos. Este ano, só apareceram por lá os ministros de Minas e Energia, José Jorge e da Educação, Paulo Renato, o senador Jorge Bornhausen (PFL/SC) e o deputado José Carlos Aleluia (PFL/BA). O movimento no primeiro mês do ano cai, em média, 30%. "Nem todo ano é assim. Quando tem convocação extraordinária ou posse presidencial, janeiro está entre os nossos melhores meses", analisa Marco Aurélio Costa, proprietário do restaurante. Ele já está de olho em 2003: "O ano que vem promete".

O restaurante está entre os que mais sentem a queda no movimento porque concentra clientes com alto poder aquisitivo. "O tipo de cliente que frequenta o Piantella é justamente quem pode viajar. Além dos políticos, os próprios moradores com mais recursos, que poderiam estar almoçando aqui, também saem da cidade", frisa Marco Aurélio.

A redução nos serviços da cidade, imposta pela marcha lenta da política, é traduzida em números. Nos hotéis, cai de 70% para 30% a média de ocupação dos leitos. "Os bares e casas noturnas não apresentam tanta queda, porque quem fica quer mais é sair e se divertir", afirma o vice-presidente do Sindicato dos Hoteleiros, Bares, Restaurantes e Similares do DF (Sindhobar), Jeová de Moraes.